

A CONCEPÇÃO DE TRABALHO NO LIVRO DO ECLESIASTES

Euclides M. BALANCIN¹

RESUMO: O artigo procura analisar brevemente a concepção sobre o trabalho apresentada no livro do Eclesiastes, mostrando que o autor bíblico aborda a questão dentro dos aspectos antropológico e social e elabora uma fina crítica ao sistema político-social-religioso de sua época.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho. Eclesiastes.

Introdução

Quando se fala de trabalho na Bíblia, imediatamente as pessoas recordam o texto de Gênesis que diz: “Você comerá seu pão com o suor do seu rosto, até que volte para a terra...” (BÍBLIA, Gênesis, 3, 19). Assim, a primeira concepção que se tem do trabalho é de um grande peso que devemos suportar até o fim da vida. E tal peso não está condicionado somente ao fato de exigir dispêndio de forças físicas ou intelectuais, mas também devido à submissão que geralmente alguém tem que suportar no trabalho para sobreviver. De fato, o termo hebraico *'abodah* significa trabalho, obra, faina tarefa, esforço, mas também escravidão, servidão, trabalho forçado, corvéia. É essa a perspectiva que o Livro do Êxodo aborda ao narrar a “escravidão” dos hebreus no Egito, imposta pelo faraó: “Carreguem esses homens com mais trabalho (*'abodah*), para que fiquem ocupados e não dêem atenção a palavras mentirosas... Pois agora vão e trabalhem...” (BÍBLIA, Êxodo, 5, 9-18). Há, então, um progresso na maldição sobre o trabalho: além de causar “o suor do rosto”: cala a boca das pessoas, as obrigam a não pensar diferentemente, impedindo qualquer tentativa de libertação.

Diante disso, ficamos nos perguntando se não têm razão aqueles que vivem do trabalho dos outros ou, simplesmente, roubam para não trabalhar. Mas aí topamos com outros textos bíblicos: “Vamos, preguiçoso, olha a formiga, observe os hábitos dela e aprenda. Ela não tem chefe, nem guia, nem governante... Até quando vai ficar dormindo, preguiçoso?” (BÍBLIA, Provérbios, 6, 6-11). E o trabalho, ao invés de castigo, passa a ser bênção: “A mão preguiçosa empobrece, mas o braço ativo enriquece.” (BÍBLIA, Provérbios, 10, 4)².

Todavia, no próprio texto do Gênesis, no capítulo 1, onde é apresentada uma versão teológica do aparecimento do universo, o trabalho já é visto como algo que não pode escravizar o homem. Por isso, os autores bíblicos colocam dentro do mundo divino a importância do descanso, que será repetido no mundo dos homens (BÍBLIA, Gênesis, 2, 2), para que estes sejam livres. Este texto, elaborado no século VI, no exílio da Babilônia, representa uma resistência contra a exploração do trabalho.

Nova perspectiva

¹ Mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma e pós-graduado em História Social pela USP. - balancin@gmail.com

² Ver também Provérbios 12, 27.

Diante dessa posição ambígua encontrada nos vários livros e tempos da Bíblia, dos quais demos alguns exemplos, gostaria agora de me deter num dos escritos chamados sapienciais dessa literatura bíblica: o Eclesiastes (*Qohelet*). Aqui vamos nos deparar com uma concepção do trabalho não como simples detalhe, e sim como um dos eixos fundamentais de sua estrutura mental e que se torna um verdadeiro refrão (2, 24-26; 3, 9-15; 5, 17-19; 8, 10-13; 9, 7-9). Contudo, antes de entrar no tema propriamente dito, para melhor compreendê-lo, se faz necessário algumas observações preliminares sobre o livro do Eclesiastes, aproximando-nos do seu tempo, constatando as condições econômicas, sociais e políticas da sua época.

A época

O Eclesiastes ou *Qohelet* foi elaborado na Palestina, nos meados do século III a.C., por volta de 250 a.C. É importante notar que estamos numa época em que o modo de produção é o tributário. Nesse modo de produção, que Marx chama de “asiático”, a organização da economia repousa no fato que a instância política dispõe da propriedade real do meio de produção, cujo uso teria sido mantido pelas comunidades aldeãs. Essa unidade superior torna-se uma instância de exploração dessas comunidades através da aplicação do tributo. Portanto, dentro desse modo de produção, o sistema dominante é o político, a partir do qual é organizada a vida material. Nesse modo de produção há uma contradição: as comunidades se mantêm apesar da negação delas pelo Estado; há também a dicotomia entre o rural e o urbano. Procura-se reduzir tal contradição apresentando o poder político como expressão de uma comunidade superior globalizadora do conjunto das comunidades locais, e tal poder é associado à idéia do rei protetor que garantiria a justiça. E quando essa base ideológica tende a se desfazer, a ideologia ganha caráter religioso, e o rei passa a ser apresentado com super-homem, semi-deus (por vezes, como deus), o único intermediário entre a divindade e os homens (HOUTART, 1982).

Nessa época, toda a Palestina estava sob o domínio dos Lágidas, sucessores de Alexandre Magno no domínio do território egípcio, mais precisamente quando reinava Ptolomeu II. A dominação helênica preservou no Egito o modo de produção tributário, já anteriormente adotado pelos faraós, ou seja, o rei como proprietário de tudo: terras, produtos e inclusive das pessoas. Na expressão do Eclesiastes: “A palavra do rei é soberana, e ninguém pode perguntar a ele: ‘O que é que você está fazendo?’ Quem obedece às ordens, não incorre em pena alguma” (BÍBLIA, Eclesiastes, 8, 4-5). Tal controle político, se reflete evidentemente no controle econômico, dentro de um mundo cuja renda maior provinha do campo: “O interesse do país deve ser considerado no conjunto, e até o rei depende da agricultura.” (BÍBLIA, Eclesiastes, 5, 8).

Para ter o controle dessas rendas, criou-se uma rede enorme de administração financeira. Sob a tutela do rei, instituiu-se uma administração central em Alexandria que, por sua vez, regia as toparquias no Egito e a hiparquias na colônias, que nada mais eram do que os vigias do rei no departamento financeiro, quanto à coleta de impostos e mercadorias, constituindo uma verdadeira máquina de fazer dinheiro.

A província da Judéia, onde residia o autor do livro do Eclesiastes (provavelmente em Jerusalém), contribuía para essa expansão do domínio helênico, através de suas autoridades, que se comportavam como verdadeiros atravessadores. O sumo sacerdote de Jerusalém, autoridade máxima, estava mancomunado com o governo ptolomaico e com famílias riquíssimas da região, que também eram “vigias do rei”. O Eclesiastes adverte: “Quando você for ao templo, esteja atento a si mesmo [...]” (BÍBLIA, Eclesiastes, 4, 17). De fato, o templo

de Jerusalém não era, na época, apenas um lugar de culto, mas um verdadeiro banco. Aí eram guardados não somente os tributos devido aos sacerdotes e para a preservação do local sagrado, mas também as riquezas das famílias nobres da Palestina. Entre estas, se destacava uma, a chamada família dos Tobíadas. O ancestral deles era do ramo sacerdotal e chegou, num determinado momento, a residir nas dependências do templo. Este já era ironicamente chamado de “servo do rei”. O seu clã continuou governando e, no século III, eram donos de parte da Palestina (McKENZIE, 1984). Somado a isso, havia os arrecadadores oficiais de impostos nas cidades, nas aldeias e nos campos.

Tudo isso, provocava uma dependência enorme, disparidade social absurda e evasão de produtos de primeira necessidade: “Aí está o choro dos oprimidos, e não há quem os console; ninguém os apóia contra a violência de seus opressores.” (BÍBLIA, Eclesiastes, 4, 1). Coloca Clements (1995, p.236):

Era sociedade obsesionada pela aquisição da riqueza, por lucros comerciais [...] A observação de *Qohelet* para quem o pão é feito para rir e o vinho alegre a vida, mas o dinheiro torna tudo possível (Ecl 10,19) resume essa nova escala de valores. Lucro (hebraico = *yitron*) era a motivação principal do mundo do *Qohelet*.

Como é que esse autor se coloca diante desse sistema geral dentro do qual ele vivia? Alguns o consideram insensível e cínico³. Outros (como Gese, Gordis, Hengel), ao analisarem sociologicamente o lugar do *Qohelet* o colocam na posição da classe superior, como mero observador do que está acontecendo. Contudo, como Pereira (1986, p.83) diz: “É por demais conhecida [...] a sua franqueza em ‘pensar alto’ o que todos pensam baixo.” É alguém que, de maneira sutil e, ao mesmo tempo, vigorosa, coloca o dedo na ferida e busca uma alternativa.

O tema do trabalho no Eclesiastes

O que adianta trabalhar?

Como já vimos acima, o trabalho é tema recorrente nesse livro. O autor, porém, não só coloca o trabalho dentro do seu contexto político e social, mas também numa perspectiva da vida humana como um todo e como a encara. Para ele, se trata de um processo de felicidade ou não. Percebemos desde o início do livro que, ao olhar a vida humana, a vê com um certo pessimismo: “Ó suprema fugacidade, diz Coélet, ó suprema fugacidade! Tudo é fugaz!” (BÍBLIA, Eclesiastes, 1, 2; 12, 8). A tradução “fugacidade”, “fugaz” que a Bíblia Sagrada (2000)⁴, emprega, procura eliminar o sentido um tanto moralista de outras traduções que trazem “ vaidade” para o termo hebraico *hébel*. Esse termo é empregado 32 vezes no livro e expressa falta de consistência, coisa passageira, pretendendo frisar a condição efêmera da vida humana, o momento fugidio do presente, inclusive para os impérios Storniolo (2002). Coloca Gottwald (1988, p.537):

Trabalha o sábio com estruturas de pensamentos polares da vida e da morte, os lucros e as perdas no trabalho, no amor, na riqueza e na sabedoria, no

³ Como Frank Crüsemann

⁴ Publicada pela editora Paulus e que já possui muitas edições.

poder político e na falta de poder, na segurança e insegurança, e assim por diante. Em cada caso ele desce abundantemente ao pólo negativo, mas sem render-se a uma tensão continuada com o pólo positivo.

E começa perguntando: “Que proveito tira o homem de todo o trabalho com que se afadiga debaixo do sol?” (BÍBLIA, Eclesiastes, 1, 3). O termo hebraico traduzido aqui por trabalho é *‘amal*, e significa fadiga, esforço, suores (SCHÖKEL, 1997). Portanto, indica trabalho estafante. Assim sendo, a pergunta continua: que proveito se tira disso? Depois de trabalhar tanto, o agricultor tem que pagar os tributos carreados para Alexandria, para o templo, além de enfrentar os atravessadores e comerciantes, como a família dos Tobíadas. O Eclesiastes está refletindo sobre esse problema social desde o início do seu livro, dentro de um contexto geral de efemeridade da vida humana.

Trabalhar para quê e para quem?

Após a pergunta fundamental (BÍBLIA, Eclesiastes, 1, 2-3), o Eclesiastes, em sua estrutura mental, vai trabalhar essa pergunta em várias passagens. Numa primeira investida, ele se coloca na posição de quem é poderoso e tem muito dinheiro. O que fazer com isso? Buscar prazer na bebida (BÍBLIA, Eclesiastes, 2, 3); realizar grandes construções, aumentar mais ainda as posses e mulheres (BÍBLIA, Eclesiastes, 2, 4-8), ser cada vez mais poderoso (BÍBLIA, Eclesiastes, 2, 9). A conclusão apressada parece a certa: “Sabia desfrutar de todo o meu trabalho, e em todo o meu trabalho foi esta a minha porção.” (BÍBLIA, Eclesiastes, 2, 10).

A palavra “porção” (hebraico = *heleq*) aqui usada vai aparecer com frequência para expressar a herança do homem nesta vida. Esse desfrutamento, porém, não é nada satisfatório, não dá sentido, não tem consistência: “Então examinei todas as obras que havia feito e o trabalho que elas tinham custado para mim. E concluí que tudo é fugaz...” (BÍBLIA, Eclesiastes, 2, 11). Vai mais além:

Detesto todo o trabalho com que me afadigo debaixo do sol, porque devo deixar tudo para o homem que virá depois de mim. E quem sabe se ele será sábio ou insensato? De qualquer modo, ele será dono de tudo o que eu fiz debaixo do sol. De fato, há quem trabalhe com sabedoria, conhecimento e sucesso. E depois tem que deixar seus bens para outro que com nada se afadigou. Também isso é coisa fugaz e grande mal. Então, que proveito resta para o homem de todo o trabalho e esforço mental com que se afadigou debaixo do sol? Sim, os seus dias todos são dolorosos, a sua tarefa é penosa, e até de noite ele não pode repousar. Também isso é fugaz. (BÍBLIA, Eclesiastes, 2, 18-23).

O autor reflete sobre a própria condição e para onde vai o que acumulou com o seu trabalho: deixar tudo para os herdeiros. Será que terão bom-senso? Amontoar propriedades, dinheiro guardado no “templo”, para os outros que virão depois aproveitarem-se disso e, na maioria das vezes, de maneira perdulária? Diante dessa nova pergunta, tenta uma saída: “Vejam, a felicidade do homem está em comer e beber, desfrutando o produto do seu trabalho. Contudo, percebo que isso também vem das mãos de Deus.” (BÍBLIA, Eclesiastes, 2, 24-25).

O nosso autor, ao falar de “felicidade”, recorre a Deus, isto é, procura um sentido mais profundo para esta vida que parece conduzir à frustração total. E isso o leva a ver o trabalho

numa outra perspectiva: dentro da provisoriedade do tempo, há uma consistência (“dom de Deus”(BÍBLIA, Eclesiastes, 3, 13)). A expressão de Eclesiastes: “Deus busca aquilo que é fugaz.” (BÍBLIA, Eclesiastes, 3, 15) mostra que a felicidade do homem não está em pretender segurança completa através de acúmulos de bens, mas encontrar sentido na própria provisoriedade e precariedade da vida humana, que consiste em poder trabalhar e usufruir do próprio trabalho.

Nessa busca, certas providências são importantes: “Mais vale estar a dois do que estar sozinho, porque dois tirarão maior proveito do seu trabalho. De fato, se um cai, poderá ser levantado pelo companheiro. Azar, porém, de quem está sozinho: se cair, não terá ninguém para o levantar.” (BÍBLIA, Eclesiastes, 4, 9-10). Não saberia dizer se o Eclesiastes estaria pensando em cooperativas, mas é certo que pretende mostrar a união no trabalho como forma de dar mais consistência a essa “corrida atrás do vento”.

Outra coisa: “Jogue seu pão sobre a água, porque dias depois você o encontrará. Reparta com sete ou até mesmo com oito, pois você não sabe que desgraças lhe poderão acontecer na terra.” (BÍBLIA, Eclesiastes, 11, 1-2). Para o autor, o repartir bens com outros não é apenas uma questão de filantropia ou mesmo de bondade, mas também de se precaver para o futuro, a fim de ser ajudado numa situação economicamente difícil, providenciar uma solidariedade com a qual poder contar se acontecer o pior, como perder o emprego (BÍBLIA, Lucas, 16, 1-8).

Em 5, 17-19 retorna novamente o tema, dando mais uma razão para considerar trabalho e usufruto como algo antropológicamente fundamental:

Conclui que a felicidade para o homem é comer e beber, usufruindo de toda a fadiga que ele realiza debaixo do sol, durante os dias de vida que Deus lhe concede. Essa é a sua porção. Todo homem que recebe de Deus riquezas e bens para que possa sustentar-se, ter a sua porção e desfrutar do seu trabalho, considere isso dom de Deus. Desse modo, o homem não se preocupa demais com sua vida fugaz, porque Deus o mantém ocupado na alegria do coração. (BÍBLIA, Eclesiastes, 5, 17-19)

Qual é a nova motivação? Alegria do coração, isto é, “[...] o clima de quem vive adequadamente a sua porção: fruir o produto do próprio trabalho leva à satisfação, que é, no fundo, experiência do dom de Deus, ou seja, a experiência daquela dimensão de eternidade dentro do presente.” (STORNILO, 2002, p.83), uma forma especial de viver. Sem essa fruição, trabalho e riqueza se transformam em pesado fardo (BÍBLIA, Eclesiastes, 6, 2-5).

Essa alegria é em seguida descrita com mais detalhes:

Portanto, vá, coma o seu pão com alegria e beba o seu vinho com satisfação, porque com isso Deus já foi bondoso para com você. Que suas roupas sejam brancas o tempo todo, e nunca falte perfume em sua cabeça. Goze a vida com a esposa que você ama, durante todos os dias da vida fugaz que Deus lhe concede debaixo do sol. Essa é a porção que lhe cabe na vida e no trabalho com que voe se afadiga debaixo do sol. (BÍBLIA, Eclesiastes, 9, 7-9).

Além do necessário à sobrevivência, o trabalho deve fornecer novas dimensões. Para sentir eternidade dentro da precariedade, se requer o convívio alegre em torno da mesa, festa, fruição da vida em todos os sentidos, coroando com o amor. Tanto aqui, como nos Evangelhos, vamos notar proposta muito diferente da frugalidade sovina capitalista-calvinista,

que disfarça com motivações religiosas o seu verdadeiro propósito: economizar para acumular.

Este é o ideal da “porção”: nenhum luxo ou desperdício, mas também nenhuma mesquinhez. Contudo, um camponês explorado naquele tempo (ou neste) tinha realmente possibilidade de fruir esse necessário? O Eclesiastes levantará tal questão. Já vimos no início a situação política, social e econômica da Palestina durante o governo dos Lágidas. Várias vezes esse problema é mencionado no livro e em relação ao trabalho:

Observei outra coisa debaixo do sol: Em lugar do direito, encontra-se a injustiça; e, em lugar do justo, encontra-se o injusto [...] Examinei também todas as opressões que se cometem debaixo do sol. Aí está o choro dos oprimidos, e não há quem os console, ninguém os apóia contra a violência de seus opressores. (BÍBLIA, Eclesiastes, 3, 16; 4, 1).

É descrita a difícil condição do povo diante da perversidade dos juízes, que violam e torcem o direito e também a violência usada pelos governantes para manter o sistema. Dois termos aí empregados requerem uma explicação: direito (hebraico = *mishpat*) e justiça (hebraico = *sedeq*). A *sedeq* que indica a presença daquilo que dá consistência e sentido à vida (= dom de Deus); o *mishpat* é a prática do ser humano para que essa consistência esteja presente no hoje, para todos. Portanto, a violação do direito é tirar de qualquer ser humano a possibilidade de viver tal “felicidade”.

Todavia, o Eclesiastes sabe que a *sedeq* não funciona dentro do sistema em que se vive na Palestina do seu tempo. E reflete:

Já vi de tudo nos dias da minha existência fugaz. Vi o justo perecer apesar da sua justiça, e o injusto viver longamente apesar da sua injustiça. [E aconselha] [...] Não seja demasiadamente justo, nem se torne sábio demais. Por que iria você arruinar-se? Não seja demasiadamente injusto, nem se torne insensato. Para que iria você morrer antes do tempo? O importante é que você tema a Deus, e você se sairá bem numa e noutra coisa. (BÍBLIA, Eclesiastes, 7, 15-17).

Temos a impressão que o Eclesiastes “fica em cima do muro”. Na verdade, porém, no conflito de classes, é inútil exigir justiça quando o juiz é comprado, é inútil “jogar limpo”, dentro das regras, por que perderá. O direito (*mishpat*) é, portanto, relativo dentro de uma sociedade injusta. O autor então aconselha a não deixar a *sedeq* fugir do horizonte da própria vida, mas ao mesmo tempo não querer aplicá-la nesse jogo de classes, porque acabaria fazendo o jogo do opressor, prejudicando a si mesmo e à própria classe. Ainda mais quando não se pode desfrutar das coisas que o próprio trabalho permitiria “porque um estrangeiro é que vai desfrutá-las” (BÍBLIA, Eclesiastes, 6, 2). Com muita probabilidade trata-se de uma referência à exploração dos Lágidas.

Concluindo sem concluir

O livro do Eclesiastes nos leva a refletir sobre a questão do trabalho de uma maneira diferente. Primeiramente, ele faz uma abordagem antropológica que chega às portas da religiosidade.

Sua acurada pesquisa examina as tentativas que o homem faz para se realizar – prazer, sabedoria, trabalho – e acaba diante da dimensão do presente e da porção que nele cabe ao homem como dimensão de realização. Inevitavelmente chega à encruzinhada entre dois mistérios: a infinita pequenez e limitação do humano e o encontro com o mistério infinito e insondável de Deus. (STORNILO, 2002, p.39).

Através do trabalho e do seu desfrute o ser humano tem a possibilidade de ver a si mesmo e reconhecer-se nesse contínuo processo da realidade que ele próprio é.

Trabalhando, o homem está se auto-elaborando, tornando-se ele mesmo, ganhando a si próprio como produto do trabalho que realiza... O trabalho, portanto, tem função antropológica insubstituível, que consiste em elaborar o próprio trabalhador, levando-o a descobrir em si mesmo o valor que antes talvez nem imaginasse possuir. (STORNILO, 2002, p.144-146).

Dentro dessas considerações antropológicas, o autor bíblico insere a questão sociológica. Se, antropológicamente, é o trabalho e o seu desfrute que dá consistência à vida do homem, extorquir-lhe esse direito, como era feito com os camponeses de sua época, significa arrancar-lhes o próprio sentido da vida, a eternidade presente no efêmero ou, nas expressões do autor, é tirar-lhes o dom de Deus. E o livro se transforma numa dura e sólida crítica à exploração interna e externa sofrida pelos pobres do seu país. O termo *'amel* (da mesma raiz que *'amal*) indica o trabalhador rural, o diarista. E assim o “debaixo do sol”, além de seu significado geral de “aqui na terra”, pode muito bem referir-se ao nosso “de sol a sol”, à labuta do camponês para ganhar o seu pão.

O Eclesiastes, portanto, é um intelectual que percebe a exploração e se posiciona contra a ideologia dominante de sua época. E o faz de uma forma irônica, nem sempre fácil de captar. Embora pareça um pessimista e até conformista, revolta-se contra o sistema que impede que se viva o presente, que seria a dimensão da felicidade, se o povo pudesse usufruir o fruto do próprio trabalho. Não é de maneira alguma conformista, como a teologia do Deus que quer assim, a vida é assim mesmo. Para ele, religião não significa subserviência à ideologia do dominador. Como vimos, ele é crítico do Templo, mostrando que frequentá-lo de maneira ingênua poderia ser uma forma de reforçar a dominação estrangeira.

Vou terminando por aqui, seguindo o conselho do próprio Eclesiastes: “Meu filho, preste atenção: escrever livro é um trabalho sem fim, e muito estudo cansa o corpo.” (BÍBLIA, Eclesiastes 12, 12).

WORK CONCEPTION IN THE BOOK OF ECCLESIASTES

ABSTRACT: *The article tries to analyse briefly the concept of work presented in the book of Ecclesiastes, demonstrating that the biblic author treats the question in its anthropological and social aspects, and elaborates a refined criticism to the politic, social and religious system of his age.*

KEYWORDS: *Work. Ecclesiasts.*

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada Edição Pastoral**. Tradução, introdução e notas de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancim. São Paulo: Ed. Paulus, 2000.

CLEMENTS, R. E. **O mundo do antigo Israel: perspectivas sociológicas, antropológicas e políticas**. São Paulo: Paulus, 1995.

GOTTWALD, N. K. **Introdução socioliterária à Bíblia hebraica**. Tradução de Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulinas, 1988.

HOUTART, F. **Religião e modos de produção pré-capitalistas**. Tradução de Álvaro Cunha. São Paulo: Paulinas, 1982.

MCKENZIE, J. L. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulinas, 1984.

PEREIRA, N. B. O sentido do trabalho nos livros sapienciais. **Estudos Bíblicos**, Petrópolis, v.11, p.83-91, 1986.

SCHÖKEL, L. A. **Dicionário bíblico hebraico-português**. Tradução de Ivo Storniolo e José Bortolini. São Paulo: Paulus, 1997.

STORNILOLO, I. **Trabalho e felicidade: o livro do Eclesiastes**. São Paulo: Paulus, 2002.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

GLASSER, E. **O processo da felicidade por Coélet**. Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Paulinas, 1975.

MICHAUD, R. **Qohélet et L'Hellénisme: la littérature de sagesse: histoire et théologie, II**. Paris: Les Éditions du Cerf, 1987

REIMER, I. R. (Org.). **Economia no mundo bíblico: enfoques sociais, históricos e teológicos**. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2006.

STORNILOLO, I.; BALANCIN, E. M. **Como ler o livro do Eclesiastes: trabalho e felicidade.** São Paulo: Paulus, 2006.

WOLFF, H. W. **Antropologia do Antigo Testamento.** Tradução Antonio Steffen. São Paulo: Loyola, 1975.